

## Apresentação Editorial

Esta presente edição da **Revista Cadernos de Relações Internacionais** apresenta artigos que atravessam diferentes temas e escopos, mas que diz muito sobre o Estado da Arte da produção no campo das Relações Internacionais e das Humanidades dos últimos anos. Temas da Política, História e Economia Internacional não se restringem mais exclusivamente à disciplina de Relações Internacionais, dialogando com outras áreas de conhecimento que visam compreender os desafios que surgem no tempo presente. Vemos, cada vez mais, que a interdisciplinaridade é uma ponte necessária tanto para discussão acadêmica quanto para discussão social e política acerca do mundo que habitamos. A interdisciplinaridade possibilita a expansão dos objetos de estudo e lentes analíticas de forma a iluminar conexões ainda pouco debruçadas, oferecendo novas formas de pensar.

Porém, falar de interdisciplinaridade também é reconhecer um certo rigor metodológico, pois, mais do que nunca, possibilitar diálogos é também definir as bases comuns dessa troca. Os artigos que compõem este volume refletem os desafios, mas sobretudo, as potencialidades de trazer ao debate metodologias e abordagens que fogem do que é tradicional aos estudos das R.I. Especialmente, são simbólicos na medida que são alunos na graduação (ou que estão vindo a concluir o curso) nas áreas das Humanidades que se capacitam abraçando diferentes literaturas e formas de pensamento.

No que tangem aos temas nevrálgicos da política internacional, os conceitos de segurança, migração e paz liberal estão em disputa, conforme vemos nos artigos. Em especial, o *artigo A Evolução das Operações de Paz da ONU: limitações na ótica liberal* da Sthephany Henrique de Carvalho revisita a literatura tradicional dos Estudos e Operações de Paz para problematizar o desenvolvimento desse campo e a lógica liberal que o sustenta. Já Luiza de Macedo Soares Vieira Carneiro e Maria Beatriz Peixoto Mello apresentam o lugar do nomadismo no contexto da globalização no artigo *Onde Estão os Nômades na Globalização? Observando o nomadismo, da territorialidade à segurança*, discutindo, de forma pertinente, os limites nos estudos de Segurança para dar conta de outras formas de viver no Internacional.

Além das questões conceituais, esta edição conta também com artigos que irão tratar das relações entre diferentes atores, mas introduzindo outras ferramentas analíticas para compreender as complexidades delas. Gabriel Rufino, no artigo *O Governo Clinton e os Estados Unidos no Pós-Guerra Fria: a relação entre Washington e os New Independent States (NIS)*, irá discutir a relação entre os Estados Unidos e a Rússia no governo Bill

Clinton a partir do debate da Teoria da Paz Democrática, abarcando os processos internos de reforma da antiga União Soviética. Entendemos, assim, que abordagens que privilegiam apenas impactos do sistema internacional ou construção de identidades são interessantes, mas não dão conta de compreender dinâmicas e transformações históricas que as sociedades, em toda sua complexidade, vivem. Nessa mesma direção, o artigo *O Avião com Pouco Combustível: a diplomacia de Dilma Rousseff na América do Sul* do Douglas Romualdo Silva irá se voltar para o Brasil e sua política externa para América Latina, em específico, analisando a diplomacia presidencial do governo Dilma Rousseff. Percebemos, assim, as diferentes articulações de posicionamentos diplomáticos que informam as bases das trocas entre o Brasil e outros Estados da América do Sul que fogem da concepção do Estado enquanto ator unitário – são artigos que trazem, então, a complexidade de se pensar o Estado.

Por falar de Estado, a problemática da tecnologia é uma pauta presente na contemporaneidade. Trazer a interdisciplinaridade é fundamental para encontrar arcabouços teóricos que permitam compreender de forma alargada os recentes fenômenos instigados pela transformação tecnológica da sociedade. Assim, Pedro Colluci introduz o fenômeno do *lawfare* a partir de uma metodologia sociojurídico-crítica, embasando uma discussão proveniente do Direito com uma reflexão contundente sobre os limites das instituições em âmbitos nacional e internacional. No artigo *As Dimensões do Lawfare e a Insegurança Jurídica: a normalização de um estado kafkiano*, vemos a transformação do aparato legal burocrático em um instrumento neoliberal, que esvazia o conteúdo do direito a ponto de tornar a exceção uma regra – daí a metáfora com a obra de Franz Kafka. Já o artigo *Securitização, Vigilância e Silenciamento das Resistências: os casos Maré Vive e a Intervenção Federal* do Cleyton Lima irá discutir justamente o lugar do desenvolvimento de aplicativos de denúncia e o uso da mídia alternativa como uma ferramenta de resistência às abordagens convencionais oficiais do Estado e da imprensa. Para tanto, o autor desenvolve o uso da tecnologia dentro da discussão sobre securitização e da Teoria da Vigilância que se expande para diminuir espaços de contestação e direitos humanos, enquanto que possibilita outras frentes de visibilidade de violações por parte de agentes de segurança.

O artigo *Decolonizando os discursos midiáticos a partir das Relações Internacionais - o protagonismo brasileiro no Acordo de Teerã na visão do jornal O Globo* do Leonardo Lupi se detém nas metodologias de análise de discurso para analisar discursos de jornais que valorizam a posição do Brasil, refletindo como a mídia projeta identidades e visões de mundo, a partir de um ponto de vista específico. Mais interessante, o artigo alia abordagens de análise de discurso com decolonialismo, o que coloca em evidência a importância das configurações histórica, política e econômica das imprensas a partir da América do Sul, usando o exemplo brasileiro como uma análise simbólica do uso dessas chaves metodológicas. Trazendo uma contribuição sobre o lugar das revoluções nos

processos históricos, especialmente no que tange as dinâmicas sociais e políticas que transbordam nas relações do Sistema Internacional, Milene Fádua, no artigo *Viva Zapata, Viva Fidel: as revoluções que transformaram a América Latina*, discute as Revoluções Mexicana e Cubana. A autora problematiza como as revoluções são um campo de análise marginalizado dentro das Relações Internacionais. Por isso, ao apresentar as complexidades dessas revoluções na América Latina, contribui de forma diferenciada ao debate ao colocar o problema da revolução, isto é, da mudança social, no centro das dinâmicas das R.I.

Assim, os diferentes artigos apresentam possibilidades e ferramentas metodológicas para se pensar o que significam propriamente as Relações Internacionais em uma análise mais alargada, considerando os desafios do tempo presente e, com muita elegância, propondo alternativas às discussões atuais. Cabe dizer que a escrita de um texto, qualquer que seja seu teor, não é uma atividade leviana: o texto ora foge do que gostaríamos, ora leva mais tempo do que achávamos, dentre tantas outras coisas. Por isso, deve-se reconhecer o mérito e persistência desses autores em apresentar um trabalho primoroso após revisões e avaliações externas. É justamente essa troca que dá fôlego para que atividade intelectual seja também um espaço de encontros: encontros de pensamento que refletem como o conhecimento é também uma forma de habitar esse mundo tão complexo de forma coletiva, dando significativo às coisas e questionando outras. Assim, esperamos que os artigos do presente volume possam instigar reflexões e novas possibilidades de diálogos.

Boa leitura!

**Mariana Caldas**

Editora-Chefe